

# Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu  
Francisco Edi de Oliveira Sousa  
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

**DIRETOR PRINCIPAL**  
MAIN EDITOR

Delfim Leão  
Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação, João Pedro Gomes, Nelson Ferreira  
Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Adriane da Silva Duarte  
Universidade de São Paulo

Adriano M. Ribeiro  
Universidade de São Paulo

Breno B. Sebastiani  
Universidade de São Paulo

Brunno V. G. Vieira  
Universidade Estadual Paulista, Araraquara

Carlos Lévy  
Université de Paris IV-Sorbonne

Fabício Possebon  
Universidade Federal da Paraíba

Francisco Vítor M. Pereira  
Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

Hélène Casanova-Robin  
Université de Paris IV-Sorbonne

Maria Aparecida de Paiva Montenegro  
Universidade Federal do Ceará

Orlando Luiz de Araújo  
Universidade Federal do Ceará

Pauliane Targino da Silva Bruno  
Universidade Estadual do Ceará

Roosevelt Araújo da Rocha Filho  
Universidade Federal do Paraná

Tereza Virgínia R. Barbosa  
Universidade Federal de Minas Gerais

Walter Carlos Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

# Grécia e Roma no universo de Augusto

Ana Maria César Pompeu  
Francisco Edi de Oliveira Sousa  
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

GRÉCIA E ROMA NO UNIVERSO DE AUGUSTO

GREECE AND ROME IN THE UNIVERSE OF AUGUSTUS

ORGS. Eds.

Ana Maria César Pompeu

Francisco Edi de Oliveira Sousa

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Bookpaper

Impressão e Acabamento Printed by

Simões & Linhares, Lda. Av. Fernando Namora, n.º 83

Loja 4. 3000 Coimbra

ISSN

2182-8814

ISBN

978-989-26-1052-8

ISBN Digital

978-989-26-1053-5

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1053-5>

Depósito Legal Legal Deposit

401834/15

Annablume Editora \* Comunicação

[www.annablume.com.br](http://www.annablume.com.br)

Contato Contact

[@annablume.com.br](mailto:@annablume.com.br)

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
www.fct.pt  
POCI/2010

© Novembro 2015

Annablume Editora \* São Paulo

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis

<http://classica.digitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

da Universidade de Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under  
Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

# GRÉCIA E ROMA NO UNIVERSO DE AUGUSTO

## GREECE AND ROME IN THE UNIVERSE OF AUGUSTUS

ORGS. EDs.

Ana Maria César Pompeu  
Francisco Edi de Oliveira Sousa

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade Federal do Ceará

### RESUMO

Este livro encerra textos apresentados na XXVII Semana de Estudos Clássicos (2014) da Universidade Federal do Ceará, consagrada aos dois mil anos da morte de Augusto. O evento propôs diálogos culturais entre Grécia e Roma sob uma ideologia augustana. Como retórica, filosofia, literatura e história discutem tais diálogos e tal ideologia controversa? Os textos deste livro exploram aspectos dessa discussão, divididos em três seções: a primeira contempla filosofia, retórica e política e em especial a relação entre o jovem Otaviano e Cícero; a segunda, a literatura augustana (Horácio, Virgílio, Tibulo e Ovídio); a terceira se avizinha da história e da comédia grega através de Plutarco.

### PALAVRAS-CHAVE

Augusto, Grécia, Roma

### ABSTRACT

This book encompasses papers presented at the XXVII Classical Studies Week (2014) of the Federal University of Ceará. The Symposium was consecrated to the bimillennial celebration of Augustus' death, and proposed discussions about cultural dialogues between Greece and Rome under Augustan ideology. How do rhetoric, philosophy, literature and history engage in such dialogues and in such controversial ideology? The papers in this book highlight aspects of that discussion, and are divided into three sections: Section I contemplates philosophy, rhetoric and politics, particularly in the relationship between young Octavian and Cicero; Section II contemplates Augustan literature (Horace, Virgil, Tibullus and Ovid); finally, Section III approaches history and Greek comedy through Plutarch.

### KEYWORDS

Augustus, Greece, Rome

## ORGANIZADORES

Ana Maria César Pompeu, Professora associada da Universidade Federal do Ceará, doutorada na área de literatura grega. Na docência, trabalha com língua e literatura grega; na pesquisa, com literatura grega, principalmente comédia antiga, Aristófanes, crítica literária em Aristófanes e tradução.

Francisco Edi de Oliveira Sousa, Professor de língua e literatura latina na Universidade Federal do Ceará, doutorado na área de literatura latina. Na docência, trabalha com língua e literatura latina; na pesquisa, com literatura latina, principalmente épica, Virgílio, elegia, Propércio, poesia e retórica, poesia e filosofia.

## EDITORS

Ana Maria César Pompeu, Greek Professor at the Federal University of Ceará, presented her PhD in Greek Literature. In her teaching activities, she lectures on ancient Greek language and literature; in her research, she studies ancient Greek literature, mainly old comedy, Aristophanes, literary criticism in Aristophanes and translation.

Francisco Edi de Oliveira Sousa, Latin Professor at the Federal University of Ceará, presented his PhD in Latin literature. In his teaching activities, he lectures on ancient Latin language and literature; in his research, he studies ancient Latin literature, mainly epic, Virgil, elegy, Propertius, poetry and rhetoric, poetry and philosophy.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
<b>I. O jovem Otaviano e Cícero: filosofia, retórica e política</b> <b>(Young Octavian and Cicero: Philosophy, Rhetoric and Politics)</b>	19
A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA GREGA EM ROMA (The Reception of Greek Philosophy in Rome) José Carlos Silva de Almeida	21
CICÉRON FACE À OCTAVE : ASPECTS PHILOSOPHIQUES (Cicero Facing Octavian: Philosophical Aspects) François Prost	33
A IMAGEM DE OTAVIANO NAS <i>FILÍPICAS</i> DE CÍCERO (The Portrayal of Octavian in Cicero's <i>Philippics</i> ) Adriano Scatolin	51
<b>II. A literatura augustana</b> <b>(Augustan Literature)</b>	71
DRAMA SATÍRICO E <i>KOMOS</i> EM PLATÃO E HORÁCIO (Satyr Drama and <i>komos</i> in Plato and Horace) Ana Maria César Pompeu	73
VÍRGÍLIO E A <i>AETAS AUREA</i> AUGUSTANA (Virgil and the Augustan <i>aetas aurea</i> ) Roberto Arruda de Oliveira	87
“ <i>CRUDELI FUNERE</i> ” E BACO NA OBRA DE VÍRGÍLIO: ELOS DE JÚLIO CÉSAR, M. ANTÔNIO, CLEÓPATRA E OTAVIANO (“ <i>Cruđeli funere</i> ” and Bacchus in Virgil's Works: Links between Julius Caesar, M. Antony, Cleopatra, and Octavian) Francisco Edi de Oliveira Sousa	99
AS MULHERES DEIXADAS PARA TRÁS NA <i>ENEIDA</i> DE VÍRGÍLIO (The Women Left behind in Virgil's <i>Aeneid</i> ) Natália Vasconcelos Rodrigues	113
TÍBULO: ELOCUÇÃO NA ELEGIA I. I (Tibullus: Elocution on Elegy 1. 1) Maria Helena Aguiar Martins	125
A MÚLTIPLA ETIMOLOGIZAÇÃO IMPLÍCITA NAS <i>METAMORPHOSES</i> DE OVÍDIO (The Multiple Implicit Etymologizing in Ovid's <i>Metamorphoses</i> ) Josenir Alcântara de Oliveira	137

(1) Concernant le jeune âge d'Octave: selon les *Philippiques* (*Phil.* 5. 47-48), le mérite (*uirtus*) d'Octave excède la norme de son âge, et le met à l'abri d'une *adulescentiae temeritas*. Semblablement, l'histoire (ancienne et récente) fournit de nombreux exemples de talents précoces, qui ont reçu les honneurs avant l'âge; inversement, une trop stricte régulation par l'âge a souvent empêché de profiter des capacités d'autres hommes morts avant l'âge légal: «d'où on peut juger que le cours du mérite est plus rapide que celui de l'âge»<sup>69</sup>. L'exception d'Octave est ainsi réintégré dans la tradition d'un *mos maiorum* corrigé de ses regrettables excès de rigueur.

(2) Ensuite, vient le problème de l'héritage césarien. Ce problème est particulièrement grave, car il est impossible de détacher Octave des vétérans et anciens amis de César. Cicéron recourt alors à la notion de *pietas*. Au nom de celle-ci, Cicéron appelle toujours Octave «Caesar» ou «C. Caesar», en précisant même à l'occasion «filius». Mais la *pietas* se dédouble, en quelque sorte, en particulier en *Phil.* 13. 46-47: Octave est *singulari pietate adulescens*, mais il n'est poussé à de mauvaises actions «ni par l'apparence que porte le nom de son père, ni par la piété filiale» au contraire, «il comprend que la plus grande piété est contenue dans la conservation de la patrie»<sup>70</sup>. À ce titre, le même Octave en même temps «honore la mémoire de son père avec la plus grande piété»<sup>71</sup>, et libère du siège de Mutina Decimus Brutus, meurtrier de César, car «il sut vaincre un chagrin personnel [sc. le deuil de son père] par amour pour la patrie»<sup>72</sup>.

Une théorie de la vraie *pietas* résout donc le conflit entre défense de la République et héritage césarien. Cette théorie reproduit en fait celle de la *uera gloria* qui, dans le *De officiis*, résout le conflit potentiel entre *honestum* et *utile* dans l'action publique<sup>73</sup>. En effet, la vraie gloire à la fois alimente et récompense l'action publique juste, elle concilie l'ambition personnelle légitime et l'intérêt de la communauté. Du reste, exactement la même notion de *uera gloria* fonde une psychologie de l'héroïsme républicain appliquée à Octave en *Phil.* 5. 49-50. Grâce notamment à Cicéron, Octave a en effet reçu et continue de recevoir les *honores* susceptibles de satisfaire une ambition légitime. Or (dit Cicéron) il serait insensé (*stultius*) qu'il préfère la tyrannie à cette *uerae, graui, solidae gloriae*. Octave donc (à la différence de César son père) ne peut pas constituer une menace pour la République, ce n'est pas logique.

(3) En outre, pour appuyer cette psychologie de l'héroïsme républicain, Cicéron applique à l'action politique et militaire d'Octave en 44-43 un schéma qui

<sup>69</sup> *Phil.* 5. 48: *ex quo iudicari potest uirtutis esse quam aetatis cursum celeriozem.*

<sup>70</sup> *Phil.* 13. 46: *nulla specie paterni nominis nec pietate abductus numquam est et intellegit maximam pietatem conseruatione patriae contineri.*

<sup>71</sup> *Phil.* 13. 47: *adulescens summa pietate et memoria parentis sui.*

<sup>72</sup> *Phil.* 14. 4: (...) *profectus est ad eundem Brutum liberandum uicitque dolorem domesticum patriae caritate.*

<sup>73</sup> Cf. surtout Long 1995: 229-230; Cicéron recourt également à la *uera gloria* pour encourager Dolabella et exhorter Antoine en *Phil.* 1. 29 et 33.

reproduit celui de la dynamique sociale alimentée par la *beneficentia* dans le livre 2 du *De officiis*. Dès sa toute première apparition dans les discours (au début de *Phil.* 3. 3), Cicéron dit qu'Octave «a non pas dépensé, mais investi» (*non effudit, collocavit*) son patrimoine dans le salut de la république (c'est-à-dire, en finançant une levée de troupes sur ses fonds personnels<sup>74</sup>), et en même temps qu'il y engage «une intelligence et une vaillance incroyables, divines» (*incredibili ac diuina quadam mente atque uirtute*). Or le *De officiis* (2. 52-53) exige, de la part des grands, un double investissement (au sens économique du terme): investissement des ressources du patrimoine, et investissement de la *uirtus* personnelle. Cela doit créer une dynamique sociale: la bienfaisance (*beneficentia* ou *liberalitas*) des riches suscite la reconnaissance (*gratia*) des bénéficiaires, et ces bénéficiaires, à leur tour, honorent leurs bienfaiteurs et accroissent leur grandeur<sup>75</sup>.

Cicéron fait donc valoir le même principe à l'égard d'Octave: Octave a investi ses biens et ses talents au profit de la République, et sur le conseil de Cicéron, la République, en retour, confère à Octave les *honores*, qui alimentent sa *uera gloria*, dont le bénéfice revient aussi à l'État.

Ce système dynamique d'échanges repose aussi sur une théorie des châtiements et des récompenses comme fondement des sociétés. Cette théorie est exposée en détail dans la longue lettre à Brutus 933 pour justifier les honneurs accordés à Octave. Or, châtiements et récompenses n'ont de sens que si la volonté des agents est libre, comme le souligne le *De fato* (§ 40). Dans les lettres, la libre volonté d'Octave risquait de verser du côté de l'ambition tyrannique. Dans les *Philippiques*, au contraire, elle fait un choix alliant *honestum* et *utile* (dans l'esprit du *De officiis*), car l'investissement initial (du patrimoine et de la *uirtus*) rapporte des *honores* justement mérités, selon la politique cicéronienne.

Dans la lettre 920, Cicéron dénonçait l'*insolentia* des *imperatores* (dont Octave, implicitement). Inversement, en *Phil.* 14. 24-28, il les exalte, et en premier lieu Octave dont la figure concentre les points évoqués plus haut: il «a su transcender son âge par sa vaillance» (*uirtute superauit aetatem*), en se montrant «un jeune homme d'une absolue grandeur d'âme» (*adulescens maximi animi*); il est «venu au monde par un bienfait des dieux pour le bien de la république» (*deorum beneficio reipublicae procreatum*); et «les bienfaits de C. Caesar (=Octave)» (*beneficia C. Caesaris*) lui ont valu deux récompenses: d'abord la confirmation de

<sup>74</sup> Le caractère privé de cette initiative comme de celle, analogue, de Decimus Brutus refusant de remettre à Antoine le gouvernement de Gaule Cisalpine, est dûment souligné par Cicéron: *Phil.* 3. 3 (Octave et D. Brutus): *priuatis consiliis*; 3. 5 (Octave) et 5. 28 (D. Brutus): *priuato consilio*; etc. Cicéron en fait même un mérite à ces personnages agissant sans l'*auctoritas* du sénat. Cependant, comme le note Hall 2013: 224, ces notations sont un euphémisme qui dissimule «a host of uncomfortable truths», en particulier «the potentially revolutionary use of military force».

<sup>75</sup> Cf. Picone & Marchese 2012: xxvi.

son *imperium* par l'*auctoritas* du sénat, et aujourd'hui le titre d'*imperator* accordé à sa légitime ambition.

(4) Enfin, comme énoncé par la citation précédente: Octave est l'homme providentiel, le don des dieux à la république pour son salut. Littéralement, Cicéron attribue à Octave un esprit, un mérite «divins». En outre, par ces qualités, Octave rejoint les précédents dirigeants idéals selon Cicéron, tous appelés également «*diuinus*» et investis d'une mission providentielle: Pompée partant vaincre Mithridate et conquérir l'Orient (dans le *De imperio Cn. Pompei* de 66); puis le parfait gouverneur de province qu'imagine Cicéron à travers la personne de son frère dans la première Lettre à Quintus de 59; enfin le parfait politique, «*homo diuinus*», du livre 1 (§ 45) du *De Republica*<sup>76</sup>.

Pendant, ces parallèles suggèrent aussi que la pensée cicéronienne régresse dans les *Philippiques*. Car l'homme divin et providentiel est ici essentiellement le chef de guerre intervenant opportunément et avec succès. Octave est proche en ce sens du Pompée conquérant des années 60. Mais il ne reste rien chez Octave de tout ce qui fait la spécificité et la vraie grandeur du dirigeant politique cicéronien: à savoir l'ancrage de la sagesse politique dans la culture de l'*humanitas* et l'imprégnation philosophique, thème si important dans la première lettre à Quintus et dans le *De republica* (3. 5-6a).

Cette régression tient à la personne d'Octave: trop jeune, trop peu éduqué pour incarner cet idéal politico-philosophique. En revanche, la hauteur de vue et la pénétration philosophique se trouvent chez Cicéron lui-même, qui prétend inspirer l'action d'Octave. Ainsi, dans la dernière *Philippique* conservée (*Phil.* 14. 20), Cicéron s'affirme lui-même *princeps reuocandae libertatis* depuis son intervention du 20 décembre 44, c'est-à-dire depuis la 3<sup>ème</sup> *Philippique*.

À ce titre, Cicéron lui-même revêt aussi, en mode mineur, une dimension providentielle. En effet, à la mi-juillet 44, Cicéron s'était embarqué pour rejoindre son fils Marcus à Athènes. Mais les mauvaises conditions de navigation l'avaient détourné de ce projet, et, resté en Italie, il avait fini par rentrer à Rome où il prononça la 1<sup>ère</sup> *Philippique* le 2 septembre 44. Or, Cicéron réinterprète ultérieurement l'épisode: il affirme alors qu'il a été rappelé de son projet de voyage «par la claire voie de la patrie» (*Off.* 3. 121) ou «la voix de la république» (*Fam.* 10. 1. 1). Le don d'Octave par les dieux s'accompagne ainsi de l'appel de Cicéron par la patrie, l'un et l'autre salutaires et providentiels.

Les *Philippiques* résolvent donc progressivement tous les conflits. Au bout du compte, elles annulent l'écart entre Cicéron et Octave, entre l'homme âgé et le tout jeune homme, presque un enfant. On est loin du modèle idéal, évoqué plus haut, d'une transmission qui lie les générations sans nier leur décalage. En

---

<sup>76</sup> Sur le thème en général, voir Begemann 2012; sur Pompée et Quintus, Prost 2014; sur le *De Republica*, Zetzel 2013: 186-187.

*Phil.* 13. 24, Cicéron réplique à des propos d'Antoine: Antoine avait qualifié Octave de «*puer*» – le même terme que dans les lettres de Cicéron lui-même: Cicéron lui répond qu'Octave est «non seulement un homme (*uir*), mais un homme d'un très grand courage (*fortissimus uir*)»; Antoine avait appelé le défunt César «père de la patrie» (*patriae parens*): Cicéron, lui, tient Octave («*Caesar filius*») pour «père plus authentique» (*parens uerior*), puisque c'est à lui que les gens de bien doivent la vie sauve. La rhétorique du salut providentiel aboutit ainsi à un véritable renversement idéologique de la réalité dans le rapport à Octave.

#### IV. CONCLUSION

Cet aboutissement ultime me paraît découler, au moins en partie, de la nécessité logique du système de références philosophiques que Cicéron mobilise pour répondre avec optimisme au défi lancé par l'intrusion d'Octave dans le jeu politique de 44-43. La logique de ce système portait en effet à cette conclusion. Les idées suivantes: la cohérence d'une personnalité unifiée par une *pietas* authentique, dont l'ultime objet est la patrie; la légitimité d'une ambition magnanime dûment orientée et nourrie par la *uera gloria* et récompensée par les *honores* républicains légalement conférés; le caractère providentiel d'un héros salvateur (Octave) guidé par une tête pensante (Cicéron), l'un et l'autre suivant le plan des dieux, selon la volonté de qui «la république devait être immortelle»<sup>77</sup> – toutes ces idées se subsument, au bout du compte, dans l'affirmation hégémonique d'une «loi émanant de Jupiter», selon laquelle «tout ce qui est salutaire à la République doit être tenu pour légitime et juste»<sup>78</sup>. Or, dès le départ (*Phil.* 3. 20), Cicéron avait posé l'alternative: ou bien Antoine ou bien Octave est l'ennemi public (*hostis*). En conséquence, il était logique de mobiliser toutes les ressources de l'esprit pour faire taire les doutes et les soupçons, pourtant lisibles dans les lettres; et pour faire d'Octave, opposé à l'*hostis* Antoine, l'agent providentiel servant la loi de Jupiter dans les *Philippiques*. En cela, Cicéron satisfaisait peut-être aussi un désir intime: le désir de se prolonger, suivant le modèle obsédant de la chaîne des générations, en un nouveau sauveur de Rome. À travers Octave, et suivant l'exhortation d'Octave lui-même<sup>79</sup>, Cicéron a voulu «sauver la république une deuxième fois»: fantasme peut-être trop puissant, même si Cicéron, dans sa dernière lettre à Atticus, déclarait avec lucidité à propos d'Octave «Ah ! Je ne voudrais pas pour moi d'un tel sauveur !»<sup>80</sup>.

<sup>77</sup> Lettre 920. 5: *rei publicae uicem dolebo, quae immortalis esse debebat.*

<sup>78</sup> *Phil.* 11. 28: [Justification de l'action de Cassius contre Dolabella en Syrie:] *Qua lege, quo iure ? Eo quod Iuppiter ipse sanxit, ut omnia quae rei publicae salutaria essent legitima et iusta haberentur.*

<sup>79</sup> Lettre 820, 6, citée ci-dessus, n. 24.

<sup>80</sup> Lettre 826, 3, citée ci-dessus, n. 30.

## BIBLIOGRAPHIE

- Begemann, E. (2012), *Schicksal als Argument. Ciceros Rede vom fatum in der späten Republik*. Stuttgart.
- Dyck, A. R. (1996), *A Commentary on Cicero, De officiis*. Ann Arbor.
- Frede, D. (2003), «Stoic Determinism», in B. Inwood (ed.), *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge, 179-205.
- Gill, C. (1988), “Personhood and Personality. The Four-*Personae* Theory in Cicero *De officiis* I”, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 6: 169-199.
- Guastella G. (2005), «Le maschere dell’identità secondo Cicerone», in M. G. Profeti (ed.), *La maschera e l’altro*. Firenze, 11-38.
- Hall, J. (2013), “Saviour of the Republic and Father of the Fatherland: Cicero and Political Crisis”, in C. Steel (ed.), *The Cambridge Companion to Cicero*. Cambridge, 215-231.
- Lemoine, F. (1991), “Parental Gifts: Father-Son Dedications and Dialogues in Roman Didactic Literature”, *Illinois Classical Studies* 16: 337-366.
- Lévy, C. (1989), «Le *De officiis* dans l’œuvre philosophique de Cicéron», *Vita Latina* 116: 11-16.
- Lévy, C. (1992), *Cicero Academicus. Recherches sur les Académiques et sur la philosophie cicéronienne*. Rome.
- Lévy, C. (2003), «Y a-t-il quelqu’un derrière le masque ? À propos de la théorie des personae chez Cicéron», *Ítaca. Quaderns Catalans de Cultura Clàssica* 19: 127-140.
- Long, A. A. (1995), “Cicero’s Politics in *De officiis*”, in A. Laks; M. Schofield (ed.) *Justice and Generosity. Studies in Hellenistic Social and Political Philosophy*. Cambridge, 213-240 (repris dans A. A. Long (2006), *From Epicurus to Epictetus. Studies in Hellenistic and Roman Philosophy*. Oxford, 307-334).
- Manuwald G. (2007), *Cicero, «Philippics» 3-9. Edited with Introduction, Translation and Commentary. Volume 1: Introduction, Text and Translation, References and Indexes. Volume 2: Commentary*. Berlin.
- Marinone, N. & Malaspina, E. (2004), *Ephemerides Tullianae. Nuova versione con integrazioni ed aggiornamenti della Cronologia ciceroniana in CD-Rom*, Roma-Bologna; accessible en ligne: <http://www.tulliana.eu/ephemerides/home.htm>
- Maso, S. (2014), *Cicerone, Il fato. Introduzione, edizione, traduzione e commento di S. Maso*. Roma.
- Maso, S. (ed.) (2012), *Cicerone, De Fato. Seminario Internazionale Venezia 10-12 luglio 2006*. Venezia.

- Picone, G. & Marchese, R. R. (2012), *Cicerone. Quel che è giusto fare, Testo latino a fronte*. Torino.
- Powell, J. G. F. (1988), *Cicero, Cato Maior de Senectute. Edited with Introduction and Commentary*. Cambridge.
- Powell, J. G. F. (1990), *Cicero, On Friendship and the Dream of Scipio (Laelius de Amicitia and Somnium Scipionis). Edited with an Introduction, Translation and Commentary*. Warminster.
- Powell, J. G. F. (2006), *M. Tulli Ciceronis De re publica, De legibus, Cato Maior De senectute, Laelius De amicitia*. Oxford.
- Prost, F. (2014), «Un dittico esemplare nel primo pensiero politico di Cicerone: Il comandante militare nella *De imperio Cn. Pompei* (66 a.C.) e il governatore provinciale nella prima lettera al fratello Quinto (59 a.C.)», in *Etica & Politica / Ethics & Politics* 16, 2: 267-283.
- Ramsey, J. T. (2003), *Cicero, Philippics I-II*. Cambridge.
- Reinhardt, T. (2003), *Marcus Tullius Cicero, Topica. Edited with a translation, introduction, and commentary by Tobias Reinhardt*. Oxford.
- Shackleton Bailey D. R. (2009), *Cicero, Philippics. Edited and translated by D.R. Shackleton Bailey, revised by John T. Ramsey and Gesine Manuwald*. Cambridge-London.
- Stevenson, T. & M. Wilson (ed.) 2008, *Cicero's Philippics. History, Rhetoric and Ideology*. Auckland.
- Stockton, D. (1970), *Cicero. A Political Biography*. Oxford.
- Testard, M. (1962), «Le fils de Cicéron, destinataire du *De officiis*», *Bulletin de l'Association Guillaume Budé* 2: 198-213.
- Van der Blom, H. (2003), «*Officium* and *Res Publica*. Cicero's Political Role after the Ides of March», *Classica et Mediaevalia* 54: 287-319.
- Zetzel, J. (2013), «Political Philosophy», in C. Steel (ed.), *The Cambridge Companion to Cicero*. Cambridge, 181-195.

# A IMAGEM DE OTAVIANO NAS *FILÍPICAS* DE CÍCERO (The Portrayal of Octavian in Cicero's *Philippics*)

ADRIANO SCATOLIN<sup>81</sup> (adrscatolin@gmail.com)  
Universidade de São Paulo

RESUMO – O objetivo deste artigo é analisar as estratégias adotadas por Cícero, nas *Filípicas*, para contornar as dificuldades que enfrentou ao assumir, no Senado, a causa de Otaviano contra Marco Antônio. Tais dificuldades concernem à pouca idade do jovem César em 44-43 a.C. (apenas 19 anos), ao nome que recebera em herança do ditador Júlio César e suas possíveis implicações e, por fim, à legalidade de suas ações militares.

PALAVRAS-CHAVE – Cícero, Otaviano, Marco Antônio, *Filípicas*.

ABSTRACT – This paper analyses the strategies used by Cicero in his *Philippics* in order to tackle the difficulties he faced by taking on Octavian's cause against Antony in the senate. Such difficulties consist in young Caesar's young age (he was 19 in 44-43 BC), in the name Octavian inherited from Julius Caesar and its possible implications and in the legality of the former's military actions.

KEYWORDS – Cicero, Octavian, Mark Antony, *Philippics*.

## INTRODUÇÃO

Antes de passar à análise das *Filípicas*, é preciso contextualizar rapidamente o pano de fundo histórico dos discursos<sup>82</sup>. A primeira *Filípica* em que se faz menção a Otaviano é a 3, proferida em 20 de setembro de 44<sup>83</sup>. Mas é preciso recuar alguns meses, até março do mesmo ano, para se entender o que está em jogo neste discurso e nos seguintes. Em 15 de março, César é assassinado na Cúria Pompeia por cerca de 60 conspiradores. Os libertadores, como se autointitulavam, liderados por Marco Bruto, poupam as vidas de Antônio, cônsul naquele ano com César, e de Lépido, o *magister equitum*, concentrando suas ações sobre Júlio César como maneira de indicar que sua rebelião era contra a tirania, representada pelo ditador. Dois dias depois, no templo de Telus, chega-se a um

---

<sup>81</sup> Professor Adriano Scatolin has been Latin Professor at the University of São Paulo since 2003. His research covers Roman Satire and Greek Satyr Drama (the theme of his Master Degree Dissertation, 2000-2003) and Latin Rhetoric (the theme of his PhD thesis, 2004-2009 and of his Post-Doctorate study, 2012-2013). He is currently preparing for publication Cicero's *De oratore* first complete translation into Portuguese and a book on Ciceronian oratory.

<sup>82</sup> Para a contextualização, servimo-nos de Habicht (1990: 76-86) e, sobretudo, da excelente apresentação de Ramsey (2003: 1-10).

<sup>83</sup> Todas as datas são a.C. As datas dos discursos são tomadas a Hall (2002: 274); as das cartas de Cícero, da edição Loeb de Shackleton-Bailey, de que provém também o texto latino usado nas citações. Para o texto latino das *Filípicas*, servimo-nos da edição Teubner organizada por Fedeli.



## VIRGÍLIO E A *AETAS AUREA* AUGUSTANA (Virgil and the Augustan *aetas aurea*)

ROBERTO ARRUDA DE OLIVEIRA<sup>121</sup> (rarrudaufc@gmail.com)  
Universidade Federal do Ceará

RESUMO – A crença no mito do Eterno Retorno, “nascimento” e “morte” cíclica do mundo, compartilhado entre diversas sociedades antigas, parece ter tido início quando dos tempos da colheita: até os etruscos dela falaram. Ao longo do tempo, contudo, foi reinterpretada de formas diversas, e, tendo sido absorvida pelos estoicos e neopitagóricos, termina chegando pelo séc. I a.C. em Roma. A Idade de Ouro, prenunciada na Quarta Bucólica, apresentava-se como uma tentativa de restabelecimento do “paraíso perdido” da humanidade: o período de tempo necessário ao recomeço, o Grande Ano estava terminando. O poeta, inspirando-se nas Idades descritas por Hesíodo, profetiza pela boca da Sibila de Cumas o fim da última idade, a pior delas, a de Ferro, e o novo nascimento da primeira, a paradisiaca, a de Ouro. O momento político propiciava essa crença: a Guerra Civil, o assassinato de César, a disputa pelo poder entre Marco Antônio e Otávio. Esse momento de crise inspirou em Virgílio a “certeza” de que ele estaria na Idade de Ferro e que, em breve, o cônsul Polião, seu protetor, traria de volta, reconciliando Marco Antônio e Otávio (Tratado de Brindes), a paz ou a mítica Idade de Ouro.

PALAVRAS-CHAVE – Virgílio, *Bucólicas*, *aetas aurea*, Augusto.

ABSTRACT – The belief in the myth of the Eternal Return, the cyclical “birth” and “death” of the world, shared by several ancient societies, seems to have its origin in the harvest: even the Etruscans referred to it. As time passed, however, it has been reinterpreted in different ways, and assimilated by the Stoics and the Neopythagoreans, arriving in Rome by the first century B.C. The Golden Age, foreshadowed by the Fourth Eclogue, presented itself as an attempt to re-establish humans’ “lost paradise”: that was the time required for a new beginning as the Great Year reached its end. The poet, inspired by the Ages described by Hesiod, prophesies, through the voice of the Sibyl of Cumae, the end of the last age, the worst of all times, the Iron Age, and the new birth of the first and paradisiacal Golden Age. The political conflicts favored this belief: the Civil War, the assassination of Caesar, the dispute between Mark Antony and Octavian. This moment of crisis inspired in Virgil “the belief” that he was in the Iron Age and soon the consul Pollio, his protector, would bring the peace or the mythical Golden Age back, reconciling Mark Antony and Octavian (the Treaty of Brundisium).

KEYWORDS – Virgil, *Eclogues*, *aetas aurea*, Augustus.

---

<sup>121</sup> Roberto Arruda is Associate Professor at the Federal University of Ceará, where he teaches Latin Language and Literature. His Master’s thesis was on Virgil’s Fourth Eclogue (UFRJ) and Doctoral thesis on Propertius (UFRJ).

A pouca estabilidade política presente em Roma nos idos de março termina por se fragilizar ainda mais com o assassinato de César, abrindo assim em Roma espaço às lutas sangrentas, às pretensões dos aventureiros e à nostálgica supremacia do Senado. Roma se vê então dividida entre dois partidos: o primeiro liderado por Bruto e Cássio, mentores da conspiração que tenta devolver ao Senado seus antigos direitos; o segundo por Marco Antônio, braço direito de César, o qual ansia, com o apoio do exército, tomar posse do que resta da obra do ditador. Surge nesse período o sobrinho e filho adotivo do ditador defunto, Otávio, um jovem de dezenove anos, o qual, apresentando-se como vingador de seu pai adotivo, reivindica seus direitos familiares e civis.

Essa disputa, contudo, terminaria por unir Antônio e Otávio, o qual, ainda que sentindo em Antônio um inimigo poderoso, convida-o, como também a Lépido, para com ele constituir um segundo triunvirato. Antônio e Otávio, que até há alguns anos estavam prestes a um confronto, têm em Brindes, no ano 40 a.C., um encontro histórico. Decidem dividir o mundo romano em dois: Otávio fica com o Ocidente e Antônio com o Oriente; a Itália permanece neutra. Acordo cujo sucesso seria garantido com o casamento entre Antônio e Otávia, irmã de Otávio. Essa trégua temporária, a Paz de Brindes, é recebida pelos contemporâneos, em meio aos quais está Virgílio, como um imenso alívio. A Itália de então tem no mês de outubro do ano 40 a.C. um momento de esperança e confiança, e Polião, protetor de Virgílio e a quem ele dedica a Bucólica 4, é uma das principais figuras de intermediação entre os dois adversários (*Buc.* 4. 1-3):

Sicelides Musae, paulo maiora canamus;  
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:  
si canimus siluae, siluae sint consule dignae.

Ó Musas<sup>122</sup> da Sicília, cantemos coisas um pouco mais elevadas<sup>123</sup>:  
os arbustos e os humildes tamarindos<sup>124</sup> não agradam a todos.

---

<sup>122</sup> Essas musas são as mesmas de Teócrito: a Sicília foi a pátria do poeta grego Teócrito, pai da poesia pastoril, enquanto autor alexandrino, e fonte de inspiração ao poeta latino; daí Virgílio nos lembrar novamente o poeta grego no início da Sexta Bucólica quando diz *syracosio uersu* (6. 1-2: *Prima Syracosio dignata est ludere uersu / Nostra [...] Thalia – “Tália, como primeira, dignou-se a cantar no verso de Siracusa”*) e ainda invocar, na Décima, Aretusa, fonte e ninfa da Sicília (10. 1: *Extremum hunc, Aretusa, mihi concede laborem – “Aretusa, inspira-me (ainda) este último canto”*).

<sup>123</sup> Acredita Mendes (1985: 222) que aqui “o poeta dá a entender que o gênero bucólico não se coaduna perfeitamente com o assunto que agora se propõe cantar”; na mesma página nos diz ainda o crítico: “Aflora em toda bucólica um tom próximo ao da epopeia”.

<sup>124</sup> O tamarindo era planta consagrada a Apolo; era o emblema dos poetas, os quais muitas vezes eram representados com um ramo na mão. O ramo de tamarindo (como o de erva e o de arbusto) era tido como mais humilde que o de loureiro – cf.: *Buc.* 1. 39: *Ipsi te fontes, ipsa haec arbusta uocabant – “As próprias fontes, os próprios arbustos te chamavam”*; 6. 10: *Captus amore leget, te nostrae, Vare, myricae – “Se alguém tomado de amor ler (estes versos), a ti (te cantarão) os arbustos,*

Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul<sup>125</sup>.

A Bucólica 4 nos leva a crer que todo o poema se propõe a celebrar a Paz de Brindes. Virgílio encontra assim no mito o elemento indispensável do seu fazer poético, e se inspira no mito da Idade de Ouro para constituir o modelo idealizado do que se poderia chamar de *pax virgiliana*.

Retoma o poeta a descrição do mito hesiódico, mas a sua perspectiva é outra, na medida em que a Idade de Ouro se vincula no poema a um tempo futuro. Seguindo as pegadas de Hesíodo, os autores latinos, na maioria das situações, servem-se do mito da Idade de Ouro, ressaltando um paraíso já passado, contrapondo-o, com frequência, com a realidade dura e cruel da Idade de Ferro então vivida. Virgílio, como poeta-vate, evoca o mito da Idade de Ouro que parece se coadunar com o momento histórico: a assinatura do tratado de paz em Brindes. A paz, anseio de todos, seria, pois, o *leitmotiv* para a composição do poema, encontrando eco nos versos do poeta. Não se trata de uma simples descrição nostálgica, mas preconiza os ideais de um povo sacrificado pelas constantes guerras.

Hesíodo nos apresenta em *Os Trabalhos e os Dias* (“Ἔργα καὶ Ἡμέραι”) duas narrativas míticas, as quais se interligam: a história de Prometeu e Pandora e o mito das raças. Ambos falam de um tempo em que os homens não conheciam os sofrimentos e as doenças. No primeiro, os homens são forçados por Zeus, como vingança pelo roubo do “fogo do céu”, ao trabalho. Hesíodo, por sua vez, fala-nos da sucessão – seguida de uma decadência progressiva – das diversas raças de homens. Essas raças condizem em valor com os metais dos quais tiram os nomes e cujo valor decresce de acordo com a raça: em primeiro lugar o ouro, depois a prata, o bronze e, em quarto lugar, o ferro. Às raças de ouro, prata, bronze e ferro, “adiciona uma quinta, a dos heróis, que não tem correspondente metálico”<sup>126</sup>, e a põe entre a de bronze e a de ferro, quebrando assim a simultaneidade entre as raças e os metais.

O velho poeta camponês, forçado talvez pelo pessimismo suscitado pelo regime, digamos, feudatário em que se inseria, imaginou que nessa raça de ouro – criada, segundo ele, pelos deuses –, os homens viviam como deuses, não

*ó Varo*”; 10. 13: *Illum etiam lauri, illum etiam fleuere myricae* – “Até os loureiros (*choraram*)–no, até os tamarindos *choraram*–no”.

<sup>125</sup> Asínio Polião (76 a.C.-5 d.C.) foi, como Mecenas, protetor de Virgílio e de Horácio; autor trágico, gramático, historiador, orador, atribui-se-lhe o fato de ter sido o mentor das *Bucólicas*. Não é de modo algum de se surpreender que o poeta se lembre dele na Bucólica 8 (na qual confessa ter sido por ele incentivado a compor poemas bucólicos (8. 11-12): *Accipe iussis / carmina coepta tuis* – “Aceita os versos começados por tuas ordens”), celebre seu talento literário na 3 (v. 84: *Pollio amat nostram, quamvis est rustica, Musam* – “Polião ama a nossa Musa, apesar de ser *rustica*”) e, por fim, dedique-lhe a 4.

<sup>126</sup> Vernant 1990: 26.

envelheciam e sua morte assemelhava-se a um sono profundo; passavam o tempo numa eterna juventude, em banquetes e festas; levavam uma vida feliz, sem trabalho, e a terra produzia por si própria frutos em abundância; a morte, que vinha depois de uma longa velhice, era-lhes somente um agradável sono. Na raça de prata, os homens se degeneraram, tornando-se maus e descuidados de seus deveres para com os deuses. Na de bronze, vestida e armada de bronze, os homens começaram a matar-se uns aos outros. A dos Heróis foi pouco melhor que as duas últimas e, em seu decurso, ocorreu a Guerra de Tebas e a de Troia.

À época em que Hesíodo escreveu *Os Trabalhos e os Dias*, a raça era a de ferro, a qual, avessa à lealdade e à justiça<sup>127</sup>, estava condenada a suportar, curvando-se nas glebas, a opressão dos poderosos e dos maus. Nela os homens conheceram as doenças, a velhice e a morte, as incertezas do futuro, a Inveja e o Egoísmo; reinava a Discórdia: a Vergonha e a Justiça abandonaram a terra. Nela conheceram os homens Pandora – punição de Zeus aos homens por Prometeu<sup>128</sup> lhes ter conseguido o “fogo do céu”, que por ele havia sido roubado – e a necessidade de trabalhar a terra para produzir o próprio alimento: eis o princípio da produção dos alimentos e da reprodução; doravante o homem é agente de sua própria história: depositará uma semente (esperma) nas entranhas da mulher e outra, o grão do cereal, nas entranhas da terra.

Comparando a Quarta Bucólica com *Os Trabalhos e os Dias* do poeta grego Hesíodo, identificamos alguns trechos que atestam semelhanças entre os dois poetas ao tratar o mito da Idade de Ouro; confrontando, v. g., os v. 112-113 (ὤς τε θεοὶ δ' ἔζων ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες / νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ διζύος – “eles<sup>129</sup> viviam como deuses, o coração isento de preocupações, longe e protegidos

---

<sup>127</sup> Segundo Croiset & Croiset (1900: 96) percebe-se nos *Trabalhos e os Dias* um profundo sentimento de injustiça do qual o próprio Hesíodo foi vítima: “O poeta se dirige a alguém que o lesou, que quis se enriquecer pela trapaça; o sentimento de sua injúria pessoal é muito vivo nele” (“*L’auteur s’adresse à quelqu’un qui lui a fait tort, qui a voulu s’enrichir par la fraude: le sentiment de son injure personnelle est très vif en lui*”).

<sup>128</sup> Prometeu foi considerado o criador da raça humana. Teria feito o homem manuseando argila e água. Durante o reinado de Cronos (Saturno entre os romanos), não havia diferença entre deuses e homens. Com o advento dos Olímpicos, Zeus quis impor aos homens a supremacia divina. Fez-se então uma reunião entre os mortais e os imortais para determinar que parte das vítimas dos sacrifícios deveria caber aos homens e quais aos deuses. Encarregado da partilha, Prometeu abateu um boi enorme, pôs de um lado as vísceras, a carne e os pedaços mais gordos; do outro lado, arranjou traiçoeiramente os ossos cobertos com um brilhante toucinho. Zeus, convidado a escolher, optou pelo segundo; indignado, jurou vingança: ficou revoltado contra Prometeu e contra os mortais que haviam sido favorecidos. Prometeu, então, roubou de Hefesto (Vulcano) um pouco do fogo da forja e deu-o aos homens, ou, segundo outra versão, roubou o fogo das rodas do “Carro do Sol”. Assim, Zeus novamente puniu os mortais e seu Benfeitor: aos primeiros, pediu a Hefesto que forje uma criatura de beleza incomparável, a primeira mulher, Pandora (todos os dons), com o coração cheio de perfídia e de discursos enganadores; ao outro, prendeu-o com grilhões de aço no cimo do Cáucaso e determinou que uma águia lhe roesse diariamente o fígado que à noite se refaria.

<sup>129</sup> Os homens.

das dores e das desgraças.”) com os v. 15-16 da Bucólica 4, podemos comprovar isso: *Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit / permixtos heroas et ipse uidebitur illis* – “Aquelela<sup>130</sup> (criança) receberá a vida dos deuses, e verá os heróis misturados aos deuses; ela também será vista entre eles”<sup>131</sup>. Semelhança bem maior com Hesíodo encontramos entre o verso 39 de Virgílio (*omnis feret omnia tellus* – “toda terra produzirá todas as coisas”), e os versos 117-118 dos *Trabalhos e os Dias*: (καρπὸς δ’ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον – “o fecundo solo produzia por si mesmo uma abundante e generosa colheita”). Da mesma forma os versos 38-39 do poeta mantuano (*cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus / mutabit merces* – “por si mesmo retirar-se-á o navegante do mar, e nem o pinheiro náutico<sup>132</sup> trocará mercadorias”), parece desenvolver a ideia contida nos v. 236-237 do poeta grego: οὐδ’ ἐπὶ νηῶν / νίσονται, καρπὸν δὲ φέρει ζείδωρος ἄρουρα – “e eles não se lançam de forma alguma ao mar, pois que o fecundo solo lhes fornece a ceifa”. E, por fim, o feliz desejo a que Virgílio aspira nos v. 53-54 (*O mihi tum longae maneat pars ultima uitae, / spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!* – “Oxalá me reste a última parte de uma tão longa vida, e tanta inspiração quanto for necessário para celebrar teus feitos”) parece-nos ser uma réplica a um triste desejo de Hesíodo (v. 174-175): Μηκέτ’ ἔπειτ’ ὄφελλον ἐγὼ πέμπτοισι μετεῖναι / ἀνδράσιν, ἀλλ’ ἦ πρόσθε – “Praza aos céus que eu por minha vez não tivesse de viver em meio à quinta raça, e que eu ou tivesse morrido mais cedo ou nascido mais tarde”. As perspectivas de ambos os autores são diversas:

<sup>130</sup> O poeta nos diz que ela terá uma vida digna dos deuses, uma imagem, uma evocação àquela que Hesíodo atribui aos heróis. Uma das características da Idade de Ouro era a vida em comum entre homens, heróis e deuses; e, por isso, os heróis ou semideuses eram, muitas vezes, filhos dum deus ou duma deusa, ou simplesmente homens deificados pelos benefícios feitos à humanidade, como foram Hércules, Castor e Pólux, Teseu, etc. – cf.: *Ov. Fast.* 1. 247 e ss.: *Tunc ego regnabam, patiens cum terra deorum / Esset, et humanis numina mixta locis...* – “Eu (=Jano) reinava ao tempo em que a terra admitia os deuses e (em que) as divindades se misturavam aos humanos...”.

<sup>131</sup> Podemos ver aí uma alusão às epifanias ou às manifestações divinas na terra, fenômeno que, popularizado nas grandes nações do Oriente, havia sido aceito pela civilização grega depois de Alexandre e tinha se tornado comum entre os poetas romanos do século de Augusto, imitadores dos poetas gregos de Alexandria. Assim como alguns reis gregos do Egito e da Síria, os ptolomeus e os selêucidas receberam pela lisonja de seus súditos o cognome de Epifânio, i.e., “deus visível na terra”. Da mesma forma, Horácio não hesita em afirmar que Augusto é um “deus presente na terra”, como Júpiter é no céu – cf.: *Hor. Od.* 3. 5. 1-3: *Caelo tonantem credidimus Iovem / Regnare; praesens diuus habebitur / Augustus* – “Acreditávamos que era Júpiter quem reinava no céu; Augusto será tido como um deus presente (na terra)”.

<sup>132</sup> A mesma expressão para *nauis* (*nautica pinus*, v. 38) encontramos em Horácio (cf. *Od.* 1. 14. 11: *Quamuis Pontica pinus* – “Embora pinheiro do Ponto”). Antes da moeda, todo o comércio se fundamentava pela troca de mercadorias (*mutabit merces*, v. 39), prática ainda presente em muitos lugares (cf.: *Hor. Sát.* 1. 4. 29: *Hic mutat merces surgente a sole ad eum quo / Vespertina tepet régio* – “Este troca as mercadorias donde o sol se levanta àquela região Ocidental (onde o sol se amorna”).

enquanto Hesíodo aponta para um passado paradisíaco, Virgílio aponta para o futuro promissor.

Ovídio e Tibulo descrevem também o modo de vida dos mortais na Idade de Ouro, e Horácio um lugar paradisíaco que nos faz lembrar dela. Ovídio (*Met.* 89-112), retoma a Idade de Ouro sob uma ótica que lembra Hesíodo: simplesmente descreve um tempo já consumado. Horácio (*Ep.* 16. 35-66) põe-na sob o prisma do sonho; descreve-a como se a visse em pensamento e busca-a como única forma de fugir dos conflitos de sua época; não faz parte do tempo mítico, mas existe em seu presente, nas ilhas Afortunadas: tratar-se-ia, pois, de um lugar imaginário. Tibulo (*El.* 1. 3. 35-50) a vê no passado, contrapõe-na às guerras e às disputas de sua época, sonha com um passado inalcançável e sem volta. Na Bucólica 4, a concepção dessa idade é totalmente diferente<sup>133</sup> da dos outros poetas: Virgílio profetiza sua volta<sup>134</sup>.

Na Bucólica 4 Virgílio invoca as musas da Sicília<sup>135</sup> (v. 1) – pátria de Teócrito, considerado o criador da poesia pastoril –, dedica seu poema a Polião<sup>136</sup>, então cônsul (v. 3) – negociador da Paz de Brindes –, anuncia a volta dos tempos de Saturno e da constelação da Virgem<sup>137</sup> (v. 6) – tempo de paz e de concórdia que agora parecia vir a se concretizar com as negociações de Polião. Apontando para o fim do reino de Apolo<sup>138</sup> (v. 4 e 10) – marcado por tantos morticínios devido às guerras civis –, pede ainda a proteção da deusa Lucina à criança nascitura<sup>139</sup> (v. 8-10) – símbolo desse novo tempo de felicidade. Assinalando ter início no consulado de Polião<sup>140</sup> (v. 11-13), essa nova era concebida na visão do poeta como um retorno aos tempos paradisíacos da Idade de Ouro.

---

<sup>133</sup> Nas *Geórgicas* (2. 538-540), contudo, Virgílio faz uma ligeira referência à Idade de Ouro sob a perspectiva do passado: *aureus hanc uitam in terris Saturnus agebat; / necdum etiam audierant inflari classica, necdum / impositos duris crepitare incudibus ensis* – “O áureo Saturno levava esta vida na terra; não tinham então (os homens) ouvido ainda a trombeta ser tocada, nem ainda crepitar as espadas postas nas duras bigornas”.

<sup>134</sup> Referindo-se no *Da Natureza das Coisas* a uma Idade de Ouro passada, Lucrécio parece querer negar o que Virgílio afirma acontecer numa vindoura e mítica Idade de Ouro. Confirma, v. g., o v. 41 da Bucólica 4 (*robustus quoque iam tauribus iuga soluet arator* – “já também o robusto lavrador desatará os bois das cangas”) com o verso 930 do livro 5 do *Da Natureza das Coisas* (*Nec robustus erat curui moderator aratri* – “Nem havia o lavrador robusto do arado recurvado”).

<sup>135</sup> *Sicelides Musae, paulo maiora canamus* – “Ó Musas da Sicília, cantemos coisas um pouco mais elevadas”.

<sup>136</sup> *Si canimus silvae, silvae sint consule dignae* – “Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul”.

<sup>137</sup> *Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna* – “Já volta também a Virgem, já o reino de Saturno”.

<sup>138</sup> *Vltima Cumaei venit iam carminis aetas [...] tuus iam regnat Apollo* – “Já chegou a última época da predição de Cumas [...] reina então teu (irmão) Apolo”.

<sup>139</sup> *Tumodonascenti puero [...] casta, faue, Lucina* – “Apenas protege, casta Lucina, a criança que nasce”.

<sup>140</sup> *Teque adeo decus hoc aevi, te consule, inibit, / Pollio, et incipient magni procedere menses / te duce* – “E justamente por ti, ó Polião, sendo tu cônsul, a honra deste tempo terá início, e, sob o teu comando militar, os grandes meses começarão a se suceder”.

O consulado de Polião, porém, não marca precisamente o advento da Idade de Ouro: abre com o nascimento da criança uma série de transformações que levarão, a um certo momento da vida desse, à grande renovação (4. 11: *Teque adeo decus hoc aevi, te consule, inibit, Pollio* – “E justamente por ti, ó Polião, sendo tu cônsul, a honra deste tempo terá início”). Assim, Polião terá a honra de conduzir o novo curso dos tempos, e um certo número de anos passará antes do momento solene no qual o relógio cósmico registrará o auge do novo Século (4. 48-52):

Adgrederere o magnos (aderit iam tempus) honores,  
cara deum soboles, magnum Iouis incrementum!  
Aspice conuexo nutantem pondere mundum,  
terrasque tractusque maris caelumque profundum;  
aspice uenturo laetantur ut omnia saeclo.

Ó cara raça dos deuses, poderoso filho de Júpiter,  
ascendei (já vem o tempo) às altas magistraturas!  
Olha a abóbada celeste que oscila (de alegria) com  
(sua) massa convexa, as terras, a extensão do mar e  
o céu infinito; olha como todo o mundo se alegra com  
o século que há de vir.

Desse caráter progressivo o poeta dá ao leitor uma referência mais real: a duração de uma vida humana. À proporção que esta criança vai crescendo, a Idade de Ouro será paulatinamente instaurada em etapas paralelas àquelas de uma vida humana; de tal modo que somente quando a criança atingir a maturidade é que terá acesso aos mais altos encargos da nação, e somente nesse momento é que a Idade de Ouro “brilhará sobre a terra com todo seu esplendor”<sup>141</sup>. Virgílio, por enquanto, só pode profetizar (v. 17): *pacatumque reget patriis uirtutibus orbem* – “e governará o mundo apaziguado<sup>142</sup> pelas virtudes paternas”; e tem consciência do tempo que exige esse recomeço maravilhoso da mítica felicidade (v. 53-54): *O mihi tum longae maneat pars ultima uitae, / spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!* – “Oxalá me reste a última parte de uma tão longa vida, e tanta inspiração quanto for necessário para celebrar teus feitos”<sup>143</sup>.

<sup>141</sup> *brillera sur la terre de tout son éclat* (Brisson 1966: 118).

<sup>142</sup> No verso 17, o particípio passado *pacatum* (apaziguado) nos evidencia uma das características marcantes da Idade de Ouro, a paz, a qual Polião tentou estabelecer (daí, “virtudes paternas”): no ano 40 a.C., ele estatuiu, na tentativa de pôr fim à Guerra Civil, um acordo – como já foi dito – entre Otávio e Antônio. Segundo os termos desse acordo, denominado a Paz de Brindes, Antônio ficaria com as províncias do Oriente e Otávio com as do Ocidente: acreditava-se com isso que a paz do mundo estaria assegurada.

<sup>143</sup> Virgílio tinha então trinta anos: precisaria talvez de mais trinta, quarenta ou mais, para cantar os grandes feitos dessa criança; e, se lhe fosse dado, nem mesmo Orfeu ou Lino excederia ao poeta no canto.

Durante este intervalo (v. 18-45) a criança cresce. Assim como o herói da Quarta Bucólica nos é apresentado em três fases sucessivas de sua vida (criança, adolescente e homem feito até o dia em que chega às supremas honras), assim também a própria Bucólica IV nos é apresentada em três divisões distintas. Há, de início, uma espécie de concordância entre as três fases do crescimento e as três estações do ano. A infância corresponderia à primavera, às flores; elas brotam em torno do berço da criança (v. 18-20):

At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu  
errantis hederas passim cum baccare tellus  
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.

A ti, porém, ó menino, produzirá a terra, sem  
qualquer cultivo, heras errantes aqui e ali com  
o nardo, e colocásias misturadas ao alegre acanto,  
os primeiros presentinhos.

É a própria terra que o saúda, que lhe dá boas-vindas e põe ao seu lado *heras errantes* (Buc. 4. 19) – símbolo da fecundidade e da inspiração literária<sup>144</sup> –, o nardo – símbolo de proteção contra qualquer tipo de malefício<sup>145</sup> –, colocásias – símbolo de fartura, significando que nada há de faltar ao seu sustento<sup>146</sup> –, o acanto – símbolo de alegria, significando que a vida do menino há de ser cercada de acontecimentos festivos<sup>147</sup>.

A adolescência corresponderia à seara já amarelecida, aos frutos já maduros nas árvores (v. 28-29): *molli paulatim flauescet campus arista, / incultisque rubens pendebit sentibus uua* – “o campo paulatinamente amarelecerá com a macia espiga, e a uva vermelha penderá dos espinheiros selvagens”. A maturidade corresponde-

---

<sup>144</sup> Os poetas se coroavam de hera (Buc. 7. 25: *Pastores, hedera nascentem ornate poetam – “Pastores, ornaí com hera o poeta que nasce”*; 8. 13: *Atque hanc sine tempora circum / inter uictricis hederam tibi serpere laurus – “E permita que esta hera serpenteie-te ao redor de (tua) frente, entre os louros da vitória”*). A hera era particularmente consagrada a Baco, e se denominavam *bacchae* as coroas de erva que eram levadas às festas desse deus. Baco ou Dionísio, deus do vinho e da inspiração poética, era festejado com grandes procissões, nas quais se punham, representados por máscaras, os gênios da Terra e da fecundidade. Esses cortejos deram origem às representações teatrais: a comédia, a tragédia e o drama satírico.

<sup>145</sup> Dizia-se que o nardo (*baccaris*, v. 19) livrava dos malefícios – cf.: Buc. 7. 27-28: *Baccare frontem / cingite, ne uati noceat mala lingua futuro* – “Cingi (minha) frente de nardo rústico, para que (sua) língua maléfica não prejudique ao futuro poeta”. N.B.: o nardo rústico é uma erva que é tida como antidoto dos feitiços. Em “(sua) língua maléfica” refere-se a Codro cujos elogios exagerados poderiam despertar a inveja dos deuses de cuja cólera poderia ser ele (Tírsis) vítima.

<sup>146</sup> As colocásias, ao que parece, foram trazidas do Egito, e suas raízes eram usadas como alimento.

<sup>147</sup> O acanto era alegre por sua bela cor púrpura e por sua forma agradável; daí surgiram os desenhos dos capitéis coríntios.



(1979: 14) compara o poema programático 1. 1 de Tibulo com um poema do fim do quinto século a.C., de Choerilus, no qual o poeta fala sobre o sentimento de saudade pelo passado.

A reverência de Tibulo para com elementos rurais tratados como deuses antigos está em consonância com o desejo de Augusto de ressuscitar a religião, e o campo constituía uma imagem do último reduto de piedade (noção também cultivada por Virgílio, nas *Geórgicas*). Houve uma restauração religiosa na segunda metade do século, e em 28 a.C. Augusto reconstruiu 82 templos na cidade<sup>199</sup>. Diante disso, se por um lado Tibulo mostra-se a favor da vida campesina e tranquila, negando a vida de soldado (e com isso critica Augusto), por outro lado o poeta faz uma apologia do desejo de Augusto de restauração da *pietas* romana.

Apesar do caráter epicurista no poema, o fato de atribuir religiosidade a coisas como *spicea* ou *corona* entra em contradição com o pensamento de Lucrécio, quando este escreve (5. 1198-1199): *nec pietas ullast uelatum saepe uideri / uertier as lapidem* – “não há piedade alguma em se mostrar frequentemente de cabeça velada, em se voltar para uma pedra”<sup>200</sup>).

Em 1. 1, Tibulo representa uma gama de emoções: contentamento sereno com seu modo de vida, reverência pia aos deuses, nostalgia pelo ideal do passado, satisfação calma pelos prazeres do amor, horror à guerra e picante combinação de antecipação da morte e aceitação ansiosa dos prazeres da juventude (v. 57-64).

Apesar de sua censura à guerra (*psógos polémon*), em 2. 1 Tibulo transforma seu patrono Messala em uma entidade semidivina – e não menciona Augusto<sup>201</sup> – (v. 31-36):

sed **'bene Messallam'** sua quisque ad pocula dicat,  
nomen et absentis singula uerba sonent.  
gentis Aquitanae **celeber Messalla** triumphis  
et magna intonsis gloria uictor auis,  
huc ades **aspira**que mihi, dum carmine nostro  
redditur agricolis gratia caelitibus.

Mas que cada um diga com seus copos “saúde Messala!”  
E o nome do ausente ecoe em cada palavra.  
Messala celebrado pelos triunfos na Aquitânia,  
Grande vencedor, glória para os austeros ancestrais,  
Venhas a mim aqui, inspira-me, enquanto com meu verso  
Dou graças aos deuses dos campos.

<sup>199</sup> Cf. Lee 1974: 101.

<sup>200</sup> Tradução de Agostinho da Silva (Lucrécio 1973: 238).

<sup>201</sup> Para Cairns (1979: 44), isso revela que a atitude de Horácio, Virgílio e Propércio em relação a Augusto consistiria no desejo de manter-se fiel ao espírito da época e ao sistema de clientelismo romano.

Enquanto no primeiro livro o poeta enxergava a vida no campo como a única forma de vida tranquila e uma forma pessoal de fuga, no livro 2 o campo é a única fonte de paz e segurança para toda a comunidade. Com esse poema podemos comparar a modalidade pública *versus* o interesse privado. Tibulo compara sua vida tranquila com a do patrono soldado e o louva com sinceridade, a despeito da sua falta de interesse pelos assuntos bélicos.

Portanto, é perceptível o teor epicurista no poema 1. 1 de Tibulo, principalmente se o cotejamos com textos dessa doutrina, como este de Lucrécio (5. 1117-1119): *Quod siquis ueram uitam ratione gubernet/ diuitiae grandes homini sunt uiuere parcel aequo animo, neque enim est umquam penuria parui*: “pois se governasse a vida verdadeira com raciocínio, há grandes riquezas para o homem viver frugalmente, com ânimo tranquilo. De fato, nunca há penúria de pouco”.<sup>202</sup>

É problemática, por fim, a suposta contradição entre o caráter epicurista dos poemas de Tibulo e sua defesa da *pietas* romana e da restauração da religiosidade, como queria Augusto. Além disso, haveria outras contradições: um caráter *urbanus* com desejo de *rusticitas*; uma religiosidade devotada aos deuses do campo e o sensualismo devotado à *puella* da cidade; o respeito pelos ancestrais e pela tradição, não obstante a rejeição do código de classe por colocar o amor acima da honra; disciplina e precisão de artesão contra o sonhador manipulado pelas emoções; um “romântico” que se vê resgatando pequenos animais e detesta ver uma mulher chorar, mas constitui sua luxúria por imaginar as lágrimas dela sobre seu corpo moribundo<sup>203</sup>.

Após essa breve reflexão a respeito da obra de Tibulo no seio do período augustano, examinemos a elocução da elegia 1. 1 com base em tratados de retórica. O poema 1. 1 caracteriza-se como um texto pastoril de caráter epicurista. O poeta afirma não querer riquezas, muito menos se provenientes de espólios de guerra; defende a vida calma campesina, bem como viver dos produtos que ele mesmo planta e, acima de tudo, ao lado de Délia, sua amada. O poema se divide em duas partes principais: na primeira (v. 1-40), Tibulo mostra que o fato de ser soldado a fim de buscar riquezas é rejeitado em benefício da vida simples e tranquila no campo; na segunda parte (v. 53-74), o poeta demonstra que o fato de ser soldado em busca de glória é rejeitado em benefício da vida a serviço do amor. O ideal de vida da *persona* do poeta nesse poema é a *paupertas*, ou seja, viver com o suficiente, sem excedente.

Dos tratados de retórica gregos e romanos que nos chegaram, o mais significativo no que tange à ornamentação do discurso é a *Retórica a Herênio* (texto de autoria incerta composto nos primeiros anos do século I a.C.). A elocução é apresentada no livro 4 desse tratado; em relação a seus preceitos, foi dividida em

<sup>202</sup> Cf. Lee 1974: 99.

<sup>203</sup> Cf. Lee 1974: 110.

duas partes: a primeira aborda os gêneros de elocução; a segunda, meios para alcançar uma *elocução* conveniente (aos propósitos e às partes do discurso) e perfeita. Na primeira parte, os gêneros (*figurae*) são apresentados e exemplificados: são eles o elevado (*gravis figura*), o médio (*mediocris figura*) e o simples (*extenuata/adtenuta figura*); há ainda possíveis vícios em cada gênero, que devem ser evitados. Na segunda parte, o autor aponta três qualidades em relação à elocução que um bom orador deve ter: elegância (*elegantia*), equilíbrio arranjado de palavras (*compositio*) e beleza (*dignitas*). A elegância está relacionada a dois aspectos: um correto emprego da língua latina (*latinitas*) e a clareza (*explanatio*). Essa teoria é fundamental para o exame da elocução de Tibulo.

Dessa forma, convém relembrar os testemunhos dos antigos que elogiam o estilo de Tibulo, colocando-o muitas vezes como o primeiro ou como o mais polido e elegante (*tersus atque elegans*) dentre os elegíacos latinos. Para Ovídio, por exemplo, Tibulo é *cultus* (*Amores* 1. 15. 28; 3. 9. 66) e de *ingenium come* (*Tristitia* 5. 1. 18). Tibulo mesmo se declara *doctus* (1. 6. 61): *Pieridas, pueri, doctos et amate poetas*<sup>204</sup>. Os adjetivos utilizados pelos antigos e pelo próprio Tibulo são palavras específicas relacionadas à elocução e ao estilo, além de já predizerem o caráter de sua obra: *doctus/doctrina* refere-se ao conhecimento que o poeta deve ter para ser claro em seu poema; *tersus* e *cultus* referem-se ao labor do poeta sobre seus poemas, portanto, a forma que ele labora sobre a forma para que ela seja consonante com o seu conteúdo.

A fim de atingir nossos objetivos, destacaremos as figuras de elocução e disposição elogiadas pelos poetas antigos, utilizadas por Tibulo nos respectivos versos em que se encontram.

Com relação às ornamentações por figuras de palavras, temos anáforas nos versos 59 e 60; 63 e 67; 70 e 71. A anáfora pertence ao grupo *figurae per adiectionem*<sup>205</sup>; e, para a *Retórica a Herênio* (4. 19), *haec exornatio cum multum uenustatis habet tum grauitatis et acrimoniae plurimum*. Também encontramos apóstrofe nos versos 15, 18, 20 e 47. No verso 4, há sinédoque, quando o poeta, para falar da guerra, a reduz à trombeta marcial: *martia cui somnos classica pulsa fugent*.

No verso 78, encontramos uma *repetitio* do tipo parênteses (...x/x...), classificada por H. Lausberg (1960: 102) como *reduplicatio: dites despiciam despiciamque famem*. Ainda segundo Lausberg (1960: 97), a repetição também pertence ao grupo *figurae per adiectionem*. A fim de enfatizar seu desprezo pelas pessoas que acumulam riquezas, bem como mostrar que despreza a fome, pois tem o que precisa sem a necessidade de acumular espólios de guerra, ele repete o mesmo verbo (*despiciam*), quando seria lícito somente utilizar um verbo e a conjunção *et* para ligar os substantivos *dites* e *famem*.

<sup>204</sup> Cf. Cairns 1979: 5.

<sup>205</sup> Lausberg 1960: 108.

Uma das figuras que mais encontramos no poema de Tibulo é o verso áureo, o qual acontece quando o poeta dispõe os substantivos de um lado e os adjetivos de outro, em geral com a formação abvAB. Temos verso áureo nos versos 21, 22 e 47. Vejamos a estrutura do verso 47: *Aut, gelidas (a) hibernus (b) aquas (A) cum fuderit Auster (B)*. *Gelidas (a)* é adjetivo de *aquas (A)*, enquanto *hibernus (b)* é adjetivo de *Auster (B)*. Apesar de o verbo não aparecer entre a divisão dos substantivos e adjetivos, no caso acima, ainda pode ser considerado verso áureo. Outros poetas também mudam a posição central do verbo ou mesmo adicionam palavras além dos dois substantivos, dois adjetivos e verbo central que compõem o verso áureo. Winbolt (1903: 221) apresenta a definição de verso áureo e suas variações e as exemplifica com versos de poetas romanos, dentre eles, Virgílio: *Silvestrem (a) tenui (b) musam (A) meditaris (v) avena (B)* (*Buc.* 1. 2).

Outra construção recorrente é o quiasmo, uma figura de linguagem na qual os elementos são colocados de forma cruzada, por exemplo: num verso, o substantivo é colocado junto de um adjetivo relacionado a outro substantivo, caracterizando a formação ABba. O nome quiasmo advém da letra grega *χθ*. Encontramos quiasmo nos versos 2, 7, 8, 10 e 12. Eis um exemplo (1. 1. 2): *Et teneat culti (a) iugera (B) multa (b) soli (A)*. Aqui, temos a formação em X característica do quiasmo, pois *soli* é substantivo (A), *multa*, adjetivo que concorda com *iugera* (b); *culti* é o adjetivo que concorda com *soli* (a) e *iugera* é substantivo (B). Portanto, a formação do verso, visualmente, se constitui quando no centro se encontram juntos o adjetivo (b) e o substantivo (B). Isso também acontece no verso 8: *Rusticus et facili (a) grandia (b) poma (B) manu (A)*. Também há quiasmo num trecho do poema supracitado: *dites despiciam despiciamque famem*, pois os dois verbos encontram-se no meio da sentença, reforçando, assim, o desprezo do poeta pela fome, bem como pela riqueza.

Com relação à disposição (*dispositio*) das palavras, nos versos 49 e 50, quando ele diz que rico seja aquele que pode suportar o furioso mar e as tristes chuvas, a disposição das palavras parece mimetizar o conteúdo: *Hoc mihi contingat. Sit diues iure, furorem / Qui maris et tristes ferre potest pluuias*. Ao substantivo acusativo *furorem* segue o substantivo genitivo *maris* (o furor do mar), enquanto *tristes* concorda com *pluuias*. O poeta parece dispor as palavras como que formando uma onda para que a forma e o conteúdo estejam em consonância.

Também há mimese de conteúdo nos versos 57, 59, 61, 63 e 64:

**Non ego laudari curo, mea Delia: tecum**

dum modo sim, quaeso segnis inersque uocer.

Te spectem, suprema mihi cum uenerit hora,

te teneam moriens deficiente manu.

Flebis et arsuro positum me, Delia, lecto,

tristibus et lacrimis oscula mixta dabis.

Flebis: non tua sunt duro praecordia ferro

**uincta, neque in tenero stat tibi corde silex.**

Illo non iuuenis poterit de funere quisquam  
lumina, non uirgo, sicca referre domum

Não me preocupo em ser louvado, minha Délia: contigo  
Contanto esteja, peço que seja chamado inerte e preguiçoso.  
Que eu te olhe, quando a suprema hora vier a mim,  
Eu segure, morrendo, a ti com mão deficiente.  
Chorarás e em mim posto no leito ardente, Délia,  
Darás beijos misturados a tristes lágrimas.  
Chorarás: teu peito não está com ferro  
Vencido, nem há em teu peito tenro pedra.  
Nenhum jovem poderá daquele funeral  
Com os olhos secos, nem virgem, voltar para casa.

As três palavras finais do primeiro verso desse trecho produzem uma leitura à parte: *mea Delia: tecum...* “contigo, minha Délia”. Com essa disposição, o poeta mostra, logo no início da passagem, o teor de sua vontade. Parece-nos uma imagem dele ao lado dela, com ela. Para não deixar dúvidas de que se trate de um procedimento elaborado, esse recurso de *dispositio* é refeito no verso 61: *me, Delia* (o poeta ao lado dela).

Ainda a respeito da mimese de conteúdo, podemos retirar três exemplos do trecho acima. Em *suprema mihi cum uenerit hora*, ele (*mibi*) é envolvido pela morte (*suprema* e *hora*). Em *et arsurum positum me, Delia, lecto*, a imagem que temos é a dele (*me*) e de Délia posicionados, lado a lado, no meio do leito. Finalmente, em *non tua sunt duro praecordia ferro / uincta*, o coração dela é amarrado com o duro ferro: as palavras *tua praecordia uincta* entrelaçadas pelo duro ferro (*duro ferro*).

Tíbulo, como foi visto com a análise do estilo de seus versos, possuía admirável *ingenium* em relação à composição de seus versos, através do uso de elementos de ornamentação e estilo refinados, a fim de transformar sua poesia em música, com seus dísticos ritmados, e principalmente em imagem, com sua disposição cuidadosamente elaborada. Não é estranho, portanto, que sua elocução fosse tão apreciada e elogiada na Antiguidade. Estranheza maior é “não ser conhecido” ou estudado ainda mais nos tempos modernos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cairns, F (1979), *Tibullus. A Hellenistic poet at Rome*. Cambridge.
- Dominik, William; Hall, Jon (2007), *A companion to Roman rhetoric*. Malden.
- Lanham, Richard A. (1991), *A hand list of rhetorical terms: a guide for students of English literature*. London.
- Lausberg, Heinrich (1960), *Elementos de Retórica Literária*. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa.
- Lee, Guy (1974), “*Otium cum indignitate*, Tibullus 1. 1”, in W. Tony & W. David (ed.), *Quality and Pleasure in Latin Poetry*. Cambridge, 94-114.
- Lucrecio (1973), *Da natureza*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo.
- Maltby, R. (2002), *Tibullus: elegies. Text, introduction and commentary*. Cambridge.
- Ovídio (2011), *Amores & Arte de Amar*. Tradução, introduções e notas Carlos Ascenso André; prefácio e apêndices Peter Green. São Paulo.
- Quintilianus, M. Fabius (1970), *Institutiones oratoriae libri duodecim*. Edited by M. Winterbotton. Oxford.
- Reboul, Oliver (2004), *Introdução à Retórica*. São Paulo.
- Retórica a Herênio* (2005). Tradução e introdução por Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo.
- Winbolt, S. E (1903), *Latin Hexameter Verse: An Aid to Composition*. London.

**A MÚLTIPLA ETIMOLOGIZAÇÃO  
IMPLÍCITA NAS *METAMORPHOSES* DE OVÍDIO  
(The Multiple Implicit Etymologizing in Ovid's *Metamorphoses*)**

JOSENIR ALCÂNTARA DE OLIVEIRA<sup>206</sup> (docjao@bol.com.br)  
Universidade Federal do Ceará

RESUMO – Este artigo versa sobre a múltipla etimologização implícita de uma mesma palavra nas *Metamorphoses*, de Ovídio, e a relação entre a etimologização antiga e a moderna, não só reconhecendo as diferenças de objetivos e de técnicas entre elas, mas também vislumbrando uma compatibilidade entre elas.

PALAVRAS-CHAVE – etimologia, Ovídio, *Metamorphoses*, etimologização antiga e moderna.

ABSTRACT – This paper examines the multiple implicit etymologizing of a very same word in Ovid's *Metamorphoses*, and the relationship between ancient and modern etymologizing, by not only identifying the differences of goals and technics between them, but by also suggesting a possibility of compatibility between them.

KEYWORDS – etymology, Ovid, *Metamorphoses*, ancient and modern etymologizing.

Neste artigo, objetiva-se examinar, dentre os principais traços da etimologização de Ovídio (43 a.C.-17 d.C.), a múltipla etimologia implícita de uma mesma palavra nas *Metamorphoses* e a relação entre a etimologização antiga e a moderna.

Embora se reconheça que, quando comparada com outras obras ovidianas, a etimologização nas *Metamorphoses* não se apresente quantitativamente tão expressiva, ela foi eleita para este artigo pela sua importância para a expressão da cultura europeia, com notáveis influências nas artes plásticas e na literatura, estendendo-se do medievo à contemporaneidade. Prova disso é que a evocação mitológica clássica, via de regra, refere-se, explícita ou implicitamente, a tal obra ovidiana.

Antes, porém, de se passar ao cerne deste artigo, é mister que se apresentem, ainda que de modo sucinto, algumas considerações sobre a contextualização do procedimento etimológico no Ocidente.

Na sua relação com a palavra, o homem sempre demonstrou ter necessidade de uma verdade, que lhe desse sentido ao seu universo psíquico-cultural, fortemente marcado pelo esquecimento da origem dos deuses, dos povos e de si mesmo. Esse pendor humano fez com que se acreditasse que a palavra, o nome, poderia ser um instrumento de resgate do elo perdido dos valores socioculturais.

---

<sup>206</sup> Josenir Alcântara is Associate Professor of Latin Language and Romance Philology at the Federal University of Ceará (UFC). He holds both a Master's degree in Romance Philology and a PhD in Philology and Portuguese Language from the University of São Paulo (USP).

*Ant.*

24-26, 60: 109.  
1. 1, 2. 1, 6. 2, 6. 3, 25-36:  
176.  
16: 177 n. 279.  
62, 60-77, 80: 177.

*Brut.*

1. 1-2: 175.  
1. 3-4, 4. 3-5, 10. 2, 38-49,  
53: 176.

*Caes.*

1. 1, 15-24, 25-26, 27, 28-47,  
15. 3, 48-49, 66. 6-8:  
175.

*Cat. Min.* 1. 1, 52. 1-3: 174.

*Cic.* 1. 1, 6. 1, 8. 1, 9. 1, 10. 1, 28.  
1-2, 33, 36. 1, 37, 40. 1, 48.  
9-11: 174.

*Crass.* 1. 6, 2. 1, 3. 3-5, 7. 1-5, 7. 6,  
7. 7, 11. 2-4: 172.

*Luc.* 1. 1-2, 1. 5, 43. 1-6: 173.

*Vit. Luc.* 42: 25.

*Mar.* 3. 1; 3. 2, 3. 3, 7-14, 13. 1-2,  
23. 2-5, 32-35: 170.

*Mor.:* 182, 187-189, 193, 201,  
205, 206.  
243e-244a, 265 b-c: 153 n.  
229.

*Comp. Ar. et Men.:* 184, 193, 205.

*Pomp.*

1. 1-2: 173.  
76, 77: 174.

*Rom.:* 147-168.

1. 1: 151.  
1. 2: 152, 153.  
2. 1: 152, 153 n. 232.  
2. 2: 153, 154, 154 n. 234.  
2. 3: 152, 153.  
2. 4: 154.  
2. 5, 2. 6-8: 154.  
3. 1: 149, 154.  
3. 5-6, 5. 4: 154 n. 234.

6. 1: 149.  
6. 3: 155 n. 240.  
6. 4-5, 6. 5: 158.  
8. 7, 8. 8: 160.  
8. 9: 149 n. 212.  
9. 1: 162.  
9. 2, 9. 3, 16. 3, 14. 2, 35.

2: 163

11. 1, 11. 2, 16-17: 164.

11. 3-5: 161.

12. 6: 149 n. 214.

13. 1, 13. 1-9: 164.

13. 2, 13. 3, 13. 5: 165.

13. 6: 165 n. 260, 166.

13. 7: 166, 166 n. 261.

13. 9: 165 n. 260, 166.

14. 1: 164 n. 258.

16. 1-3: 164 n. 257.

20. 1: 165 n. 259.

25. 1, 25. 17: 164 n. 257.

26. 1, 27. 2: 166.

30-35: 149 n. 215.

30. 1: 158 n. 245.

30. 2: 158-159 n. 245.

30. 3: 159 n. 246.

30. 5: 158, 159 n. 244.

31. 2, 31. 3: 166.

33. 2-3: 162 n. 254.

33. 3: 163 n. 255.

33. 4: 164 n. 257.

34. 1: 162 n. 253.

34. 2: 160 n. 249.

*Comment. ad Rom.* 6. 3: 153 n. 230.

*Sert.*

2. 1-3; 4. 3: 171.

12. 5, 26: 172.

*Sull.* 1. 1, 32. 1-5, 32. 5-6: 171.

*Th.:* 147-168.

*Th.*

1. 2: 147, 148.

1. 3, 1. 4: 148

1. 4-5: 147 n. 208.



1. 5: 148, 148 n. 211, 149.  
 2. 1: 149, 150, 153.  
 2. 1-3: 149.  
 2. 2: 148 n. 211, 150.  
 3. 5: 151.  
 3. 6-7: 151 n. 222.  
 4. 2: 153 n. 233.  
 6. 2: 153, 153 n. 230.  
 6. 2-3: 151 n. 222.  
 8. 1, 8. 3, 9. 1-2, 10. 1-4, 11.  
     1: 158 n. 245.  
 9. 2: 162.  
 12. 2: 155.  
 13. 1, 14. 1: 156.  
 14. 2: 157, 162.  
 15. 1: 149, 157.  
 16. 3: 157.  
 17. 1: 157, 158.  
 17. 2: 158.  
 22. 1, 22. 2: 160.  
 22. 4: 161.  
 22. 7: 149.  
 24. 1: 160, 161.  
 24. 2, 24. 3, 24. 4: 161.  
 25. 1, 25. 2: 162.  
 25. 3, 25. 5-7: 161.  
 26. 1, 29. 4, 31. 2: 149  
*Vitae*: 147 n. 208, 148, 148 n. 210,  
 149 n. 215, 150, 182.  
 Polemon: 24.  
 Pollio: 108 n. 169.  
 Pollux: 91 n. 130, 95 n. 151.  
 Polybius, *Hist.* 33: 22 n. 12.  
 Pompeius: 25 n. 13, 83, 169, 172, 174,  
 174 n. 273, 175-176, 186, 188.  
 Pontus Euxinus: 25, 91 n. 132.  
 Posidonius: 23.  
 Priamus: 116.  
 Priapus: 129.  
 Procrustes: 158 n. 245.  
 Promotion, *História da Itália (FGrHist*  
 817): 154 n. 235.  
 Prometheus: 89, 90, 90 n. 128, 173.  
 Propertius: 99, 126, 127, 130 n. 201.  
 Ptolemaeus: 24, 91 n. 131  
 Quintilianus: 125.  
     *Inst.*  
         9. 1: 128.  
         10. 1: 127.  
         10.1.93: 82.  
 Rabirius: 127.  
 Remo: 158, 162, 163.  
 Rhea Silvia: 154 n. 233, 155, 163.  
     *Rhet. Her.:*  
         1. 3: 127 n. 194.  
         4: 125, 131.  
         4. 19: 132.  
 Roma: 21-28, 30, 52, 54 n. 87, 56, 60,  
 63-64, 82, 85, 88-99, 101, 109-  
 -111, 119, 128, 129, 147-168, 182,  
 190, 198, 206.  
 Romanus: 152 n. 226, 153 n. 232.  
 Romus: 152 n. 226, 153 n. 232.  
 Romulus: 147-168.  
 Rufus: 29.  
 Rutilus: 22.  
 Sabinae: 163, 164 n. 258.  
 Sabini: 163, 164, 164 n. 257, n. 258,  
 165 n. 259.  
 Sallustius: 127.  
 Saturnus: 90 n. 128, 92, 92 n. 133, 92  
 n. 137.  
 Satyrus (s): 73-86.  
 Scipio Aemilianus: 23, 24, 28, 83.  
 Scipio Africanus: 170.  
 Seneca: 27, 30  
     *De ira* 3. 3: 104 n. 164.  
     *Dial.* 10: 27  
 Sertorius: 169, 171-172.  
 Servius: 102  
     *ad Aen.* 1. 734: 106.  
     *ad Ecl.* 5. 20, *ad Ecl.* 5. 29: 101  
     *ad Ecl.* 5. 30: 102  
     *ad G.* 3. 258: 105.

- Sichaeus: 107.  
Sicilia: 88, 92, 92 n.135, 100, 178, 195.  
Silenus: 73, 74, 77, 78, 79.  
Simois: 117.  
Sinis: 158 n. 245.  
Siro: 29.  
Socrates: 73, 74, 84, 85.  
Sophocles: 78, 152 n. 227.  
Sosia: 194.  
Speusippus: 24.  
Strabo: 27.  
Suetonius, *Aug.* 83, 89: 177.  
Sulla: 24, 25 n. 13, 169-170, 170 n. 264, 171-175.  
Sychaeus: 117-118.  
Syria: 91 n. 131.  
Tacitus  
    *Agr.* 4.3: 29 n. 22.  
    *Ann.* 11. 24. 4, 1. 9. 4: 163 n. 256.  
Tarquinius: 154 n. 236, 175.  
Teanum: 56.  
Telephus: 153 n. 232.  
Tereus: 203-204.  
Theseus: 91 n. 130, 95 n. 151, 147-168  
Thessalia: 152 n. 227.  
Theocritus: 88 n. 122, 92.  
Thomas Aquinius: 140.  
Thucydides:  
    2. 14. 2: 161 n. 252;  
    2. 15. 2: 150 n. 218;  
    3. 46: 185 n. 285.  
Thybris: 116.  
Thyrsis: 94 n. 145.  
Tiberius: 30, 179.  
Tiphys: 95, 95 n. 150.  
Titus Livius, *Epit.* 39. 8-19: 109.  
Traianus: 206.  
Troia: 95, 95 n. 152, 95 n. 153, 114-117, 119-120, 152, 153 n. 232, 176.  
Tucca: 29.  
Tusculum: 26.  
Ulyxes: 153 n. 232.  
V. Messala Corvinus: 128, 130.  
V. Paterculus, *Hist. Rom.* 2.36: 127.  
Varro: 140.  
Venus: 104, 106, 109, 118, 126.  
Vercingetorix: 175.  
Vergilius: 29, 88, 88, n. 122, 89, 89, n. 125, 91, 92, 92 n. 133, 92 n. 134, 93, 93 n. 143, 95-96, 99, 113-115, 115 n. 177, 119, 122-123, 127.  
    *Aen.*: 113-115, 115 n. 177, 116, 120, 123.  
    1. 734: 106.  
    3. 11-12: 110 n. 171.  
    4. 54-59: 106.  
    4. 300-308: 106, 107.  
    4. 308: 99, 100.  
    4. 469-470: 107.  
    6. 804-805: 110.  
    8. 675-688 : 110, 111.  
    *Catal.* 5: 29 n. 19.  
G.: 130  
    1. 31: 95 n. 149.  
    1. 466: 103, 108.  
G. 2. 538-540: 92 n. 133.  
    3. 263: 99, 100, 104.  
    3. 209-283: 104, 105, 106, 107, 110, 111.  
*Ecl.*  
    9. 46-50: 102.  
    1. 2: 133.  
    1. 39: 88 n. 124.  
    3. 84: 89 n. 125  
    4: 89, 89 n. 125, 90, 92, 92 n. 134, 93-94.  
    4. 1-3: 88.  
    4. 15-16: 91.  
    5. 20: 99, 108.  
    5. 20-31: 100  
    6. 1-2: 88 n. 122.  
    6. 10: 88 n. 124.  
    7. 25: 94 n. 144.

7. 27-28: 94 n. 145.  
8. 11-12: 89 n. 125  
10: 88 n. 122, 89 n. 124.  
Via Appia: 22.  
Vulcanus: 90 n. 128  
Theocritus, 1: 101, 103, 107.  
Thyrsis: 101  
Tibullus: 92, 125-134.  
1. 1: 125-127, 131, 133-134.  
1. 1, 1. 4, 1. 7, 2. 5: 129.  
1. 1, 1. 6: 132.  
1. 1, 2. 1: 130.  
1. 4: 128.  
Xanthias: 194, 195.  
Xenocrates: 24.  
Zeno Sidonius: 23.  
Zetes: 95 n. 151.  
Zeus: 78, 89, 90, 90 n. 128, 157, 173.

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO HUMANITAS  
SUPPLEMENTUM

1. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 1 – Línguas e Literaturas. Grécia e Roma* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
2. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 2 – Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
3. Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrício: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 – História, Arqueologia e Arte* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2010).
4. Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira e Francisco de Oliveira (Coords.): *Horácio e a sua perenidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
5. José Luís Lopes Brandão: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
6. José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster and Paula Barata Dias (eds): *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
7. Gabriele Cornelli (Org.): *Representações da Cidade Antiga. Categorias históricas e discursos filosóficos* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/Grupo Archai, 2010).
8. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (Coords.): *Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC/CH, 2010).
9. Françoise Frazier et Delfim F. Leão (eds.): *Tychè et pronóia. La marche du monde selon Plutarque* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, École Doctorale 395, ArScAn-THEMAM, 2010).
10. Juan Carlos Iglesias-Zoido, *El legado de Tucídides en la cultura occidental* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, ARENGA, 2011).
11. Gabriele Cornelli, *O pitagorismo como categoria historiográfica* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
12. Frederico Lourenço, *The Lyric Metres of Euripidean Drama* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
13. José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
14. Carmen Soares & Paula Barata Dias (coords.), *Contributos para a história da alimentação na antiguidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).

15. Carlos A. Martins de Jesus, Claudio Castro Filho & José Ribeiro Ferreira (coords.), *Hipólito e Fedra - nos caminhos de um mito* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
16. José Ribeiro Ferreira, Delfim F. Leão, & Carlos A. Martins de Jesus (eds.): *Nomos, Kosmos & Dike in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
17. José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Mnemosyne kai Sophia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
18. Ana Maria Guedes Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
19. Aurora López, Andrés Pociña & Maria de Fátima Silva, *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
20. Cristina Pimentel, José Luís Brandão & Paolo Fedeli (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
21. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serrano (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
22. Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
23. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & JoséLuís Brandão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. I – Dos saberes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 282 p.
24. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. II – Dos poderes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 336 p.
25. Joaquim J. S. Pinheiro, *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 458 p.
26. Delfim Leão, Gabriele Cornelli & Miriam C. Peixoto (coords.), *Dos Homens e suas Ideias: Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013).
27. Italo Pantani, Margarida Miranda & Henrique Manso (coords.), *Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
28. Francisco de Oliveira, Maria de Fátima Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (coords.), *Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade* (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
29. Priscilla Gontijo Leite, *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).

30. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo. - Volume I* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
31. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo. - Volume II* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
32. Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão, Maria Aparecida de Oliveira Silva (coords.), *Plutarco entre mundos: visões de Esparta, Atenas e Roma* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
33. Carlos Alcalde Martín, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a arte* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
34. Ana Iriarte, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).
35. Ana Maria César Pompeu, Francisco Edi de Oliveira Sousa (orgs.), *Grécia e Roma no Universo de Augusto* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).